

VER POR FORA DO “CÂNONE”: A TRAJETÓRIA DAS ESCRITORAS NEGRAS NO BRASIL

LOOKING OUTSIDE THE “CANON”: THE TRAJECTORY OF BLACK WOMEN WRITERS IN BRAZIL

MIRANDO FUERA DEL CANON: LA TRAYECTORIA DE LAS ESCRITORAS NEGRAS EN BRASIL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-314>

Data de submissão: 15/03/2025

Data de publicação: 15/04/2025

Eliesio Costa Lima

Doutorando em Letras

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

E-mail: eliesiocosta2000@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2498-606X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2496541324385758>

Kátia Carvalho da Silva Rocha

Doutora em Letras (Ciência da Literatura)

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

E-mail: katiacarvalho@uemasul.edu.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9391-0526>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4138135032094182>

Gilberto Freire de Santana

Doutor em Letras (Ciência da Literatura)

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

E-mail: gilbertosantana@uemasul.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3018-3018>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6150134001200551>

RESUMO

É sabido que o cânone literário brasileiro foi, em parte, construído sob o olhar eurocêntrico do homem branco, resultando na marginalização das mulheres negras, que eram retratadas nos textos (quando apareciam) a partir de imagens estereotipadas, negativas, criando um ciclo histórico de invisibilização. Essa realidade de exclusão não é casual, mas consequência de uma estrutura patriarcal e racista que criou um padrão estereotipado do que deve ser considerado bom e ruim dentro do contexto literário. Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo analisar como ocorre esse processo de exclusão da mulher negra na literatura brasileira, além de tecer reflexões sobre a resistência feminina a partir da *escrevivência* de mulheres negras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Para realizar este estudo, o presente trabalho se fundamenta nas reflexões de Miranda (2019), Compagnon (1999), Almeida (2020), Ribeiro (2020), Carneiro (2023) entre outros.

Palavras-chave: Cânone Literário. Escritoras Negras. Representações.

ABSTRACT

It is well known that the Brazilian literary canon was, in part, constructed under the Eurocentric gaze of white men, resulting in the marginalization of Black women, who were portrayed in texts (when they appeared at all) through stereotypical, negative images, creating a historical cycle of invisibility. This exclusion is not accidental, but rather a consequence of a patriarchal and racist structure that created a stereotypical standard of what should be considered good and bad within the literary context. Given this scenario, this work aims to analyze how this process of exclusion of Black women in Brazilian literature occurs, as well as to reflect on female resistance based on the writings of Black women such as Conceição Evaristo and Carolina Maria de Jesus. To conduct this study, this work draws on the reflections of Miranda (2019), Compagnon (1999), Almeida (2020), Ribeiro (2020), Carneiro (2023), among others.

Keywords: Literary Canon. Black Women Writers. Representations.

RESUMEN

Es bien sabido que el canon literario brasileño se construyó, en parte, bajo la mirada eurocéntrica de los hombres blancos, lo que resultó en la marginación de las mujeres negras, quienes fueron retratadas en los textos (cuando aparecían) mediante imágenes estereotipadas y negativas, creando un ciclo histórico de invisibilidad. Esta exclusión no es accidental, sino consecuencia de una estructura patriarcal y racista que creó un estándar estereotipado de lo que debe considerarse bueno y malo en el contexto literario. Ante este panorama, este trabajo busca analizar cómo se produce este proceso de exclusión de las mujeres negras en la literatura brasileña, así como reflexionar sobre la resistencia femenina a partir de la escritura de mujeres negras como Conceição Evaristo y Carolina Maria de Jesus. Para llevar a cabo este estudio, se basa en las reflexiones de Miranda (2019), Compagnon (1999), Almeida (2020), Ribeiro (2020), Carneiro (2023), entre otras.

Palabras clave: Canon Literario. Escritoras Negras. Representaciones.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

“Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à editora Seleções [do Reader's Digest] nos Estados Unidos se queria publicar meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me...” (Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 2014).

É sabido que a mulher negra foi, desde o período da escravidão no Brasil, marginalizada. Após a abolição da escravidão, a tentativa de controle do poder branco masculino foi transferido para a esfera intelectual, com a mulher negra sendo mostrada nos livros como a escrava sofredora, a empregada doméstica, ou a partir de papéis em que ela era hipersexualizada, mostrada como a mulata sedutora, símbolo do desejo.

Isso não aconteceu por acaso, mas é fruto de uma sociedade racista e machista que constrói conscientemente imagens deturpadas da mulher afrodescendente. Foi assim no cânone literário brasileiro: a definição de qual narrativa deveria prevalecer sobre as demais foi fruto de uma seleção consciente de intelectuais racistas e machistas que excluíram as narrativas autênticas dessa mulher. Tal realidade é demonstrada pela epígrafe deste trabalho, onde Carolina Maria de Jesus relata a rejeição de seus escritos a uma revista estadunidense, situação que a deixou cabisbaixa, mas não entregue a essa lógica de silenciamento, de modo que a autora continua a escrever os seus diários até que finalmente são publicados.

Casos como o de Carolina exemplificam não só a exclusão da mulher negra no espaço intelectual, como também a resistência, que esta precisou desenvolver frente a barreiras impostas. Conceição Evaristo também desenvolve o conceito de *escrevivência* para falar das narrativas autênticas onde essas mulheres denunciam a opressão e ressignificam a sua identidade.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar como se deu a marginalização histórica das mulheres negras no cânone literário como um espaço de manutenção do poder branco masculino. Ao mesmo tempo, destaca-se a *escrevivência* de escritoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo como forma de resistência e ressignificação de suas identidades. Para tanto, este trabalho se fundamenta nas reflexões de Miranda (2019), Compagnon (1999), Almeida (2020), Ribeiro (2020), Carneiro (2023) entre outros.

2 ENTRE O PODER E A MARGINALIZAÇÃO: O CÂNONE COMO ARMA COLONIAL

Podemos pensar o cânone como o conjunto de obras compreendidas como universalmente fundamentais para a representação de uma cultura. Ele delimita quais obras e autores são referências a serem seguidas, mas muitas vezes na história foi a justificativa para a perpetuação de estereótipos e opressões de povos e comunidades vulneráveis socialmente. Tais como os negros, que no período da

escravidão e no pós-abolição estavam à mercê dos silenciamentos, uma espécie de apagamento estabelecido pelas elites, os patrões, homens brancos.

Ele foi construído sob a perspectiva eurocêntrica do homem branco, que impunha suas ideologias de exclusão do sujeito negro, especialmente a mulher negra, mas também dos povos indígenas e outros povos historicamente oprimidos. Como afirma Britto (2018, p. 41), “O cânone literário é uma das marcas mais contundentes do silenciamento em torno da mulher no mundo ocidental. Da Grécia às colônias, a palavra masculina foi quem narrou sobre tudo e sobre todos: homens, mulheres, índios, negros, religião, terra, amor.” O cânone contou a história desses povos unicamente pela voz do branco europeu masculino, o que resultou na exclusão de suas narrativas. A mulher negra brasileira, nesse contexto, foi ainda mais invisibilizada, devido estar localizada em uma sociedade que perpetuou o legado do sistema escravista e do patriarcado durante séculos.

Mesmo diante do silenciamento, entretanto, autoras como Carolina Maria de Jesus produziram suas narrativas, nas quais afirmam a sua identidade e desafiam o preconceito racial. A narrativa de Carolina Maria de Jesus é um exemplo do conceito de *escrevivência*, proposto por Evaristo, visto que se trata de uma obra sobre as suas vivências diárias, ditas em primeira pessoa. É importante salientar que as produções da mulher afro-brasileira remontam períodos remotos, mesmo antes de Carolina, contudo, elas não tiveram reconhecimento ou repercussão devido à estrutura racista sob a qual o cânone foi construído. O cânone literário brasileiro, de certa forma, foi o mecanismo responsável pela invisibilidade de diversas autoras negras.

Ao realizar um mapeamento de romances de autoria de mulheres negras no período de 1858, iniciando-se pela publicação de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, a 2006, que culmina na publicação de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, Miranda (2019) constata uma escassez alarmante de publicações de autoria feminina negra no Brasil. De acordo com a autora, apenas 11 romances foram publicados nesse período, havendo, entretanto, um certo avanço de 2006 até 2019, com mais 17 romances publicados, o que, segundo ela, aponta para um futuro cenário de maior abertura dessa forma.

3 “ESSE É BOM, ESSE É MAU”: QUEM DECIDE O QUE PERMANECE?

Essa exclusão das autoras negras no campo literário não aconteceu por acaso, mas foi o resultado, em parte, da atuação de alguns intelectuais brasileiros que, ao longo da história, contribuíram para definir o que era bom, digno de ser lido e lembrado, e o que era ruim, apropriado apenas para ser relegado ao esquecimento. Como afirma Compagnon (1999, p. 225) “o público espera dos profissionais da literatura que lhe digam quais são os bons livros e quais são os maus: que os julguem, separem o joio do trigo, fixem o cânone. A função do crítico literário é, conforme a etimologia,

declarar: ‘Acho que este livro é bom ou mau’. Embora muitos críticos literários tenham desempenhado um papel importante na perpetuação dessa marginalização dessas obras, vale lembrar que também houve estudiosos e críticos que, com base em estudos e pesquisas, contribuíram para resgatar e dar visibilidade a escritoras e poetisas negras que foram historicamente marginalizadas.

Ainda assim, as escolhas literárias das obras que devem compor o cânone não são neutras, pois frequentemente reforçam estereótipos e reproduzem dinâmicas de poder historicamente estabelecidas. O que é considerado literatura “de qualidade” não é apenas uma questão estética ou técnica, mas também uma construção ideológica atravessada pelo poder econômico e pelos meios de produção culturais, que determinam quais vozes são legitimadas e quais são silenciadas. Como explica Almeida (2020):

A supremacia branca é uma forma de hegemonia, ou seja, uma forma de dominação que é exercida não apenas pelo exercício bruto do poder, pela pura força, mas também pelo estabelecimento de mediações e pela formação de consensos ideológicos. A dominação racial é exercida pelo poder, mas também pelo complexo cultural em que as desigualdades, a violência e a discriminação racial são absorvidas como componentes da vida social (Almeida, 2020, p. 75-76).

Desse modo, a marginalização da produção literária negra no cânone não ocorre apenas pela ausência de publicações ou pela falta de interesse acadêmico, mas está diretamente associada a esse “complexo cultural” mencionado por Almeida (2020), que absorve e reproduz as desigualdades como algo natural. O poema *Visão* (2011), de Cristiane Sobral, traduz essa exclusão ao questionar a ausência de negros em espaços de visibilidade e poder:

Tá faltando preto na televisão
Na Presidência
Na cabeça mestiça que sonha em ser branca
Do brasileiro (Sobral, 2011, p. 79).

Este excerto do poema expõe como o racismo age não apenas pela violência direta, mas pelo controle ideológico/simbólico, pela definição do que é valorizado e do que é invisibilizado. No verso “Na cabeça mestiça que sonha em ser branca”, o verbo “sonhar” revela como essa dominação também opera pela internalização de padrões brancos como ideal de sucesso e pertencimento, levando os sujeitos, em algumas ocasiões, à negação da própria identidade negra.

Tal processo reforça a exclusão e a marginalização, pois normaliza a ausência de pessoas negras em espaços de poder e visibilidade. Isso é uma forma de exercer dominação, pois a linguagem é um “mecanismo de manutenção de poder” (Ribeiro, 2020, p. 14), e isso se aplica tanto na linguagem simbólica, presente nas mídias (como o cinema e a TV), como na linguagem escrita/verbal. É

fundamental compreender também que, da mesma forma que o eu lírico do poema *Visão* (2011) denuncia a ausência de negros nas mídias e na política, essa exclusão também se reflete na literatura, na qual vozes negras foram historicamente marginalizadas ou reduzidas a estereótipos.

Se por um lado a ausência de representatividade negra no cânone silencia vozes, por outro, as poucas representações que se consolidam muitas vezes reforçam estereótipos negativos, moldando a forma como a mulher negra é vista pela sociedade. Como destaca Carneiro (2023), a ficção assume um papel determinante na construção dessas imagens. Ela argumenta que, diante da pouca dedicação da historiografia no tocante à construção de gênero, sobretudo acerca de sua relação com a raça, “será a ficção que de maneira mais sistemática se encarregará de estabelecer os atributos definidores do ser mulher e mulher negra em nossa sociedade” (Carneiro, 2023, p. 152). Dessa maneira, a literatura não só narra histórias, como também cria narrativas que determinam como a mulher negra é percebida e recebida pela sociedade.

4 A HIPERSEXUALIZAÇÃO E A DESUMANIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO ESPAÇO LITERÁRIO

Carneiro (2023) também destaca algumas imagens negativas pelas quais a mulher negra é representada nessas histórias, segundo ela “A mulher negra será retratada como exótica, sensual, provocativa. Enfim, com fogo nato; tais características chegam a aproximá-la de uma forma animalesca, destinada exclusivamente ao prazer sexual” (Carneiro, 2023, p. 153).

Essas representações encontram eco em diversas obras da literatura e do cinema brasileiros. Rita Baiana, de *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, por exemplo, é a personificação da mulher negra hiperssexualizada, cujo desejo incontrolável a coloca em constante oposição às mulheres brancas, vistas como recatadas. Na obra, Rita é destacada pela sua capacidade de sedução e pelo seu corpo sensual. Como se vê no seguinte excerto:

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo resplendor os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher (Azevedo, 2019, p. 77).

Nesse fragmento, a palavra “meneio” destaca os movimentos sensuais da personagem que dança sob a luz lunar, como sob a luz de um holofote que destaca a estrela daquela noite, Rita, apreciada pelo seu corpo. A palavra “mestiça” anuncia a ideologia da pureza/impureza racial, de modo que Rita seria fruto de um desvio da pureza racial branca, portanto, “manchada” pelo negor de sua pele, pela

sua ancestralidade africana. O uso da palavra “primitiva” vincula sua sensualidade a algo instintivo e natural. Logo, ser mulher negra significaria, naturalmente, ser sensual. A palavra “serpente” faz referência à ideia do profano e da sedução, sendo uma alusão à serpente que trouxe o pecado ao mundo, pela tentação e pela sedução, enquanto a palavra “mulher”, no contexto, remete a uma feminilidade associada à luxúria e à transgressão, de modo que Rita se torna o arquétipo da mulher negra sedutora e “perigosa”.

Na mesma obra, a personagem Bertoleza é destacada por suas características animalescas e pelo seu papel servil, sendo um arquétipo do estereótipo da mulher negra submissa e descartável. Após ser explorada por João Romão, seu companheiro, ela, que acreditava ter conquistado sua liberdade, descobre a traição ao ser cercada por policiais, percebendo que nunca esteve realmente livre. Sem saída, põe fim à própria existência de maneira trágica:

Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certeiro e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue (Azevedo, 2019, p. 233).

O excerto evidencia como a mulher negra na literatura foi, e ainda é, frequentemente retratada, não apenas como objeto de desejo, mas também como força de trabalho explorada e, quando já não é útil, descartada sem escrúpulos. O fato de que Bertoleza tira a própria vida de forma brutal, “esfocinhando” sobre o próprio sangue, a destitui dos atributos de humanidade, atribuindo-lhe características animalescas, como se ela estivesse fadada a viver em submissão e sofrimento. Seu fim trágico denuncia a lógica de um sistema racista que não lhe concede autonomia nem na vida nem na morte.

5 DA LITERATURA AO CINEMA: AS REPRESENTAÇÕES NEGATIVAS DA MULHER NEGRA

Essa mesma lógica atravessa outras representações da mulher negra na literatura e no cinema. Enquanto Bertoleza personifica a trabalhadora exaurida e descartável, Tia Nastácia, de Sítio do Picapau Amarelo (1920-1947), de Monteiro Lobato, reafirma a figura da empregada negra subserviente, sem perspectivas além do trabalho doméstico. Em outro extremo, no cinema nacional, as pornochanchadas reforçam o estereótipo da mulher negra como objeto sexual disponível, marcada pela sensualidade exagerada e pelo exotismo fetichizado. O cartaz do filme *A mulata que queria pecar* (1977), de Victor Di Mello, produzida por Ziraldo, ilustra essa representação estereotipada, como se vê a seguir:

Figura 1



Fonte: <http://www.bcc.gov.br/cartazes/450197>

Na imagem acima, uma mulher negra é “exibida” como objeto do desejo e do pecado. As suas partes íntimas (bumbum e seios) estão quase completamente descobertas, sendo as partes de maior destaque em relação ao tamanho e ao ângulo em que aparecem, de forma caricaturada. O aceno com a mão, funciona como um convite ao desejo, uma chamada ao pecado, sugerindo que a mulher negra, “mulata”, está sempre disposta a satisfazer o desejo masculino. O padrão xadrez na pele da serpente simboliza um jogo, estratégia ou manipulação, revelando a astúcia dela, a cobra, assim como da mulher, pois ambas formam uma só entidade.

A mulher não só é dominada pela cobra (símbolo do mal, anjo caído, depravado), como também se funde a ela. Essa relação entre ambas é evidenciada a partir dos seus semblantes, pois tanto a serpente como a mulher negra estão sorrindo, e não em conflito. Também a cor verde e sedutora dos olhos dessa figura feminina é a mesma que habita a serpente, estabelecendo uma sintonia entre ambas as personagens. Não se trata, portanto, de uma batalha pela sobrevivência, ou resistência ao mal, mas de uma espécie de trabalho harmônico. Por fim, os lábios vermelhos da personagem feminina representam a cor do pecado. Mesma cor da fruta que a serpente segura entre os dentes (maçã vermelha), o que lembra o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, descrito no texto bíblico, dessa forma, revelando o beijo doce dessa mulher negra, que tem um sabor com fundo de perdição.

Essas representações, recorrentes na literatura e no cinema, reduzem a mulher negra a figuras animalizadas, hipersexualizadas ou ingênuas, o que contribui para a perpetuação de estereótipos que reforçam sua submissão ou sua erotização, à semelhança do que ocorria no período escravocrata, quando eram violentadas e objetificadas por seus senhores. Como destaca Evaristo (2005), tais personagens são construídas a partir de uma lógica que lhes nega complexidade e humanidade, de modo que sua presença no imaginário social é limitada a papéis desumanizadores e restritivos.

6 ESCREVIVÊNCIA COMO RESISTÊNCIA: CAROLINA MARIA DE JESUS E A FORÇA DA PALAVRA NEGRA

Diante de tal realidade em que a mulher negra é apresentada por uma história deturpada e de forma degradante, autoras negras como Evaristo e Carolina Maria de Jesus surgem desafiando o silêncio imposto pelo cânone. Evaristo desenvolve o conceito de escrevivência, uma forma de escrita que é não somente uma narrativa de suas histórias individuais, mas também um registro que pode ressignificar a voz coletiva de mulheres negras, conectando memória, resistência e identidade.

A escrevivência é um registro potente de resistência porque expressa as experiências cotidianas reais dessas mulheres, como afirma Dannemann (2020, p. 237) “Adotar a escrevivência convoca um começo. Pouco a pouco, individualmente, despertar a vontade de registrar nosso dia a dia, nossas lembranças, nossas experiências e observações a respeito de nossos interesses – escrever nossas vivências”. Um exemplo da escrita escrevivente é, sem dúvida, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), obra em que Carolina Maria de Jesus tece reflexões que dialogam com a realidade de outras mulheres negras no Brasil, como o desejo de igualdade, o enfrentamento às estruturas de opressão como o racismo e o machismo e a reivindicação de um espaço na literatura brasileira. Quando Carolina afirma “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizableis” (Jesus, 2014, p. 48), a sua voz é a representação da mulher negra de forma potente, demonstrando que o discurso feminino negro é insurgente e “fere” (cortando como espada) o ego daqueles que tentam diminuir o seu valor.

Carolina surge no universo literário, desafiando estruturas narrativas tradicionais, construindo uma narrativa que mescla aspectos ficcionais, autoficcionais e autobiográficos simultaneamente. Ao articular elementos da realidade e da ficção, a autora rompe com os limites existentes entre esses três gêneros, construindo uma narrativa singular e verossímil das vivências da mulher negra brasileira.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal analisar como ocorreu a marginalização histórica da mulher negra no cânone literário brasileiro. Ao mesmo tempo, também objetivou-se destacar a escrevivência de escritoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus como forma de resistência e ressignificação da identidade negra feminina. Quanto à marginalização dessa mulher, notou-se que o cânone foi construído a partir de uma seleção conscientemente racista e machista que, de certa forma, foi o responsável pela marginalização e invisibilização da mulher negra nos espaços sociais, também pela perpetuação de estereótipos. Essa mulher, nos poucos casos em que aparecia nas narrativas da literatura canônica, foi mostrada a partir de papéis sensualizados, submissos e desumanizadores, criando, assim, um ciclo de exclusão.

Entretanto, como também foi discutido neste trabalho, se há um discurso de invisibilização e de construção de estereótipos dessa mulher, há discursos como o de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mulheres negras fortes e potentes que desafiaram (e ainda desafiam) o sistema colonial que ainda opera fortemente no Brasil. Evaristo desenvolve o conceito de *escrevivência*, uma forma de escrita de resistência que diz respeito não apenas a contar a história das mulheres negras, mas surge como um registro de ressignificação de suas identidades, a partir de narrativas autênticas de suas experiências.

Assim, pouco a pouco as mulheres negras alcançam reconhecimento e lugar não só no cânone literário brasileiro, mas em diversas esferas sociais. Entretanto há muito o que ser feito, é preciso levar cada vez mais longe a narrativa de mulheres negras, levando-as às universidades, às escolas, e a qualquer lugar onde se possa discutir a força e a sua criatividade. Nesse sentido, espera-se que este trabalho contribua para a pesquisa científica na área da literatura afro-brasileira, e também na divulgação do trabalho intelectual dessas mulheres. Que a voz de mulheres como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus ecoe cada vez mais, pois assim será possível transformar realidades existentes e construir um Brasil mais plural e igualitário.

REFERÊNCIAS

- BRITTO, M. Narrar a si mesmo e rasurar o cânone: feminismos e literatura contemporânea. In: ARAÚJO, A. de F. B.; SILVA, S. S. (Orgs.). Literatura, Estética e Revolução. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. p. 41-52.
- MIRANDA, F. R. Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- COMPAGNON, A. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- SOBRAL, C. Não vou mais lavar os pratos. Brasília: Ed. do Autor, 2011.
- RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- CARNEIRO, S. Escritos de uma vida. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.
- AZEVEDO, A. O cortiço [recurso eletrônico]. 2 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.
- A MULATA que queria pecar. Produção de Victor Di Melo. Rio de Janeiro: [Condor Filmes], 1977. DVD (82 min.).
- ZIRALDO. A Mulata que Queria Pecar [Cartaz]. Cartaz do filme A Mulata que Queria Pecar (1977), dirigido por Victor Di Mello. Acervo: Cinemateca Brasileira, s.d. Dimensões: 64 x 94 cm. Disponível em: <http://www.bcc.gov.br/cartazes/450197>. Acesso em: 14 mar. 2025.
- EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Palmares: Cultura Afro-Brasileira, Brasília, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- DANNEMANN, A. Vivências da absorção e da expressão. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Org.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 226-243.
- JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.